

Projeto apoiado por DisTanzen 2022

Singularidades Temporais

Teoria descolonial e artes performáticas

Keywords: tempo, estudos descoloniais, Física Quântica de campo, ativismo, arts performáticas

Jorge Bascuñan Rivera Neto

2022

PATROCINADO POR:



Die Beauftragte der Bundesregierung
für Kultur und Medien



Dachverband Tanz
Deutschland

Financiado pelo 'Federal Government Commissioner for Culture and the Media' no programa 'NEUSTART KULTUR', oferecido pelo programa de auxílio 'DIS-TANZEN' do 'Dachverband Tanz Deutschland.'

Sumário

Introdução	5
Corpo como fenômeno	5
Sobre singularidades temporais e o fim da contemporaneidade	7
Bibliografia	9

Abstract

I aim to discuss the ambiguous approach to neutrality and its relation to a traditional understanding of time through the lens of the performing arts. In this essay, I argue that in order to disrupt temporality, we need to revisit the emancipatory aspects of performance and politics and rethink how the body is understood in Western practices. My research question is elaborated as follows: how can the deconstruction of the linearity of time rethink how we understand the body within the performing arts? To answer this question, I suggest a reading of performance and the body as phenomena following various perspectives from theorists such as Karen Barad, Donna J. Haraway, Eduardo Miranda, Bojana Kuns, and Rolando Vázquez. I attempt to offer decolonial tools that can be applied within the performing arts highlighting their multiple singularities and relational perspectives.

Resumo

Meu objetivo é discutir a abordagem ambígua da neutralidade e sua relação com uma compreensão tradicional do tempo através das lentes das artes cênicas. Neste ensaio, defendo que para perturbar a temporalidade precisamos rever os aspectos emancipatórios da performance e da política, e repensar como o corpo é compreendido nas práticas ocidentais. Minha pergunta de pesquisa é elaborada da seguinte forma: como a desconstrução da linearidade do tempo pode repensar como entendemos o corpo dentro das artes cênicas? Para responder a esta pergunta, sugiro uma leitura da performance e do corpo como fenômenos seguindo várias perspectivas de teóricos como Karen Barad, Donna J. Haraway, Eduardo Miranda, Bojana Kuns e Rolando Vázquez. Tento oferecer ferramentas descoloniais que possam ser aplicadas dentro das artes performáticas destacando suas múltiplas singularidades e perspectivas relacionais.

Singularidades Timporais

Introdução

Tempo, espaço e matéria são noções convencionais que permanecem inquestionáveis na definição central da contemporaneidade. No entanto, o que aconteceria com o conceito de "contemporâneo" se desvinculado da idéia tradicional do que é conhecido como "agora"? E se o tempo não fosse traduzido como um momento que acontece depois de outro? E se a matéria não pudesse ser mapeada dentro dos espaços, mas compreendida como um jogo entre a existência e a não-existência? Eu argumentarei que o problema com a contemporaneidade é que ela não reconhece diferenças entre contextos e implicações políticas. Em vez disso, implica uma idéia de neutralidade e universalidade imposta pelas perspectivas ocidentais sobre o resto do globo, causando o apagamento de "outras" histórias, culturas e estéticas.

A minha pergunta de pesquisa é elaborada da seguinte forma: como a desconstrução da linearidade do tempo pode repensar como entendemos o corpo dentro das artes cênicas? Para responder a esta pergunta, vou discutir a noção de neutralidade e sua relação com a política do tempo e sugerir uma leitura da performance e do corpo como fenômeno. Além disso, este trabalho tenta oferecer pensamentos descoloniais que podem ser aplicados dentro das artes cênicas para destacar suas múltiplas singularidades e perspectivas relacionais.

Esta pesquisa começa com uma compreensão agencial do corpo (matéria) proposta pela física e filósofa Karen Barad, que, através das lentes da Teoria Quântica de Campo, nos oferece o conceito de intra-ação como uma tentativa de perturbar a linearidade do tempo, a homogeneidade do espaço, e a materialidade e política do corpo. Trago à luz dois importantes princípios que fundem as agenciais intra-ações de Barad, o "conhecimento situado" trazido por Donna J. Haraway e o "corpo-território" desenvolvido pelo Professor Brasileiro Eduardo Miranda. Além disso, vou introduzir um dilema apresentado pela filósofa Bojana Kunst para perturbar os aspectos temporais das artes cênicas e defender a idéia de uma "dis-eventualização" da performance. Finalmente, apresentarei um ajuste descolonial oferecido por Rolando Vázquez, reconhecendo a influência colonial da estética Euro-Americana e reivindicando o "fim do contemporâneo".

Corpo como fenômeno

O corpo, sua dis/continuidade espaço-temporal, e a percepção de presença, vazio e realidade têm sido o foco do discurso da performance contemporânea (Derrida, 1994; Greiner, 2005 e 2010; Gomez-Peña, 2015; Kunst, 2011 e 2015; Lepecki, 2006, 2012 e 2016; Sampaio & Simão, 2018; Miranda, 2020). É essencial destacar como a estética é comumente definida através de uma perspectiva Euro-Americana ao se fazer a ponte para as artes cênicas. Ela é constantemente

(re)normalizada em relação ao tempo (baseada no presente Euro-Americano) e ao espaço (imposta aos países não ocidentais), e molda as noções do corpo (Bakare-Yusuf, 2003; Butler, 1988; Haraway, 1988; Harding, 1995 & 2004; Grosfoguel, 2012; Mignolo & Vazquez, 2013; Miranda, 2020; Ribeiro, 2019; Barad, 2020). O problema começa quando este modelo imposto é considerado neutro, marginalizando/eliminando outras identidades e formas de expressão. (Oyèwúmi, 1997; Mignolo, 2003; Spivak, 1988 e 2012, Garcia-Olp, 2018). Assim, realizei esta pesquisa através de uma leitura na qual performance e corpo são entendidos como fenômenos.

Karen Barad reconhece que entidades, agências e eventos distintos emergem de/atraves de suas intra-ações. Além disso, ela sugere que a responsabilidade de desvendar a linha entre 'eu' e o 'outro', 'passado', 'presente' e 'futuro', 'aqui' e 'agora', e 'causa' e 'efeito' é tomada ao não vê-las como o entrelaçamento de entidades separadas, mas em vez disso colocá-las em relação umas às outras.¹ Esta relacionalidade é baseada no que Donna J. Haraway uma vez chamou de 'conhecimento situado'. Dentro das teorias do ponto de vista feminista, Haraway reconhece a importância de identificar diferentes contextos e implicações político-epistemológicas-éticas, destacando as multiplicidades - a chamada pluriversalidade - em nossa existência.²

Seguindo este entendimento, não é possível nem um modelo nem uma definição universalizada do corpo. Segundo a Teoria Quântica de Campo, a matéria (corpo) é compreendida em suas infinitas camadas de im/possibilidades e dinâmica in/determinada do nada, na qual o nada é o dinamismo da in/determinação do ser, da não/presença, da não/existência do tempo.³ A noção de intra-ações consiste em "[um] conjunto infinito de possibilidades ou soma infinita de histórias." Além disso, ela "implica uma partícula se tocando, e depois aquela se tocando, e transformando, e tocando outras partículas que compõem o vácuo, e assim por diante, ad infinitum."⁴

O ciclo em que a matéria se toca, se transforma e toca outras partículas, é o que Eduardo Miranda ilustra como um corpo em constante mudança de pele.⁵ Ele propõe uma leitura na qual a pessoa só pode ser definida por suas próprias experiências, marcadas pelo tempo, pelo espaço e pela memória. O que Miranda tratará como 'corpo-território' é a reafirmação de construções sócio-históricas,

¹ (Barad 2010, pp. 264-6)

² (Haraway 1988)

³Karen Barad uma vez explicou seu uso do '/' (como exemplo de im/possibilidades), pelo qual ela significa mais do que apenas ambos (possibilidades e impossibilidades), mas sim que uma superposição representa uma indeterminação entre os dois. Neste trabalho, vou usá-la de forma semelhante, diferenciando-me de seus termos usando aspas.

⁴ (Barad 2010, 2017 and 2020)

⁵ Esta expressão é uma referência ao Orixá Oxumaré Afro-Brasileiro. (Miranda 2020)

bagagem cultural e experiências relativas ao tempo e ao espaço. O corpo atua simultaneamente em várias espacialidades, afetado por diferentes forças dentro do que ele chama de "território de passagem."⁶

A constante mudança da pele e dos territórios infinitos do corpo é o que Barad estabelece como o momento do "retorno" - um toque do eu e do outro, que perturba as concepções dominantes de espaço-tempo, matéria, causalidade e nada.⁷ Ele contrapõe a física Newtoniana, uma parte formativa e capacitadora da modernidade Americano-Européia que busca a "renormalização" da matéria para subtrair todas as infinitas possibilidades, pressupondo uma "essência neutra comum" da existência.⁸ Todos estes estudiosos nos ensinam que existe um número infinito de possibilidades, e o momento de auto-intra-ações representa o encontro com a alteridade infinita do eu. Assim, contestar a 'renormalização' e a neutralização de um modelo estético, imposto pelo Americano-Eurocentrismo e sua contemporaneidade, é fundamental para perceber o corpo e a performance como fenômenos.

Sobre singularidades temporais e o fim da contemporaneidade

"A performance hoje está lutando contra uma cadeia de apreensões fantasmagóricas que freqüentemente transformam a performance como uma prática material na contínua abstração de procedimentos, dividindo-a de sua dinâmica espacial, situacional e micropolítica, e abstraindo-a de sua encarnação contraditória e sempre parcial." [tradução livre]⁹

Elaborado através do conceito de 'deseventualização' do Žižek, no artigo "Os Problemas com a Temporalidade", Bojana Kunst enquadra a performance mostrando como sua materialidade é constitutiva da temporalidade de seu próprio evento. O fator enganoso, como ela argumenta, é quando a performance se restringe a seu contexto macropolítico, como histórias emancipatórias universalizadas, em vez de fortalecidas por seus aspectos micropolíticos (como muitas forças sensoriais, espaciais e temporais). Kunst percebe um dilema temporal da performance quando usa as noções de presente como sua força política enquanto é assombrada por seu passado através de seu próprio processo. Para ela, a temporalidade da performance não deve ser universalizada, mas abordada em sua "singularidade temporal".¹⁰

Para aprofundar este dilema, devemos não apenas desvendar nossa compreensão da temporalidade, mas também desfazer a própria contemporaneidade. Como uma tentativa de trazer para o presente

⁶ (Miranda 2020)

⁷ (Barad 2017, p. 81)

⁸ (Barad 2019 and 2020)

⁹ (Kunst 2015, p. 6)

¹⁰ (Kunst 2015, p. 9)

a responsabilidade de revisitar o passado e assumir a indeterminação de suas narrativas atuais, Karen Barad afirma a "não contemporaneidade do presente", como ela explica:

"O passado nunca está fechado, nunca está terminado de uma vez por todas, mas não há como voltar atrás, estabelecendo o tempo certo, colocando o mundo de volta em seu eixo. Não há apagamento [da violência do passado] finalmente. Os vestígios de todas as reconfigurações estão escritos nas materializações [iterativas] envolvidas do que foi/é/está por vir. O tempo não pode ser consertado. Abordar o passado (e o futuro), falar com fantasmas não é entreter ou reconstruir alguma narrativa da maneira como foi, mas responder, ser responsável, assumir responsabilidade por aquilo que herdamos (do passado e do futuro), pelas relações enredadas de herança que "nós" somos, para reconhecer e responder à não contemporaneidade do presente, para se colocar em risco, para se arriscar a si mesmo (que nunca é apenas uma nem o eu), para se abrir à indeterminação no movimento em direção ao que está por vir ... Somente nesta responsabilidade contínua para com o outro enredado...existe a possibilidade de justiça para chegar." ¹¹ (ênfase do autor)

O modo como geralmente entendemos "contemporâneo" perpetua a política do tempo da modernidade. Ela reproduz a diferença colonial ao exercer poder sobre a definição e regulamentação do "agora", como um padrão estético, criando uma separação entre aqueles que pertencem ao agora da contemporaneidade e aqueles que estão relegados a seu passado. De uma perspectiva descolonial, Rolando Vázquez nos lembra que nem toda estética é considerada contemporânea. Assim, quem narra a contemporaneidade detém o poder de colonizar as condições para pertencer ao "agora" e quais estéticas são tomadas como "outras". A contemporaneidade, como sugere Vázquez, realiza dois movimentos de apagamento, um de classificação e o outro de exclusão. Em outras palavras, o contemporâneo só pode existir através da produção simultânea de sua alteridade. Como resposta à contemporaneidade centrada no ocidente, Vázquez traz à tona um movimento não ocidentalizado que trabalha a negação da contemporaneidade, não querendo ser incluído ou reconhecido como tal, buscando emancipação e autonomia em relação aos padrões estéticos e à regulação do tempo, espaço e corpo, que é, em suas palavras, "o fim da contemporaneidade". ¹²

¹¹ (Barad 2020, p. 105) and (Barad 2010, pp. 264-265)

¹² (Vázquez 2020 pp. 57-62)

Bibliografia

- Bakare-Yusuf, B. (2003) Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana. Tradução para uso didático de BAKARE-YUSUF, Bibi. Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence. *Feminist Africa*, Issue 2, por Aline Matos da Rocha e Emival Ramos.
- Barad, K. (2010). Quantum entanglements and hauntological relations of inheritance: Dis/continuities, SpaceTime enfoldings, and justice-to-come. *Derrida Today*, 240-268. Retrieved May 24, 2021.
- Barad, K. (2017). Troubling Time/s and Ecologies of Nothingness: Re-turning, Re-membering, and Facing the Incalculable. *New Formations: A Journal of Culture/Theory/Politics*.
- Barad, K. (2020). After the end of the world: Entangled nuclear colonialism, matters of force, and the material force of justice. *The Polish Journal of Aesthetics*, 85-113.
- Butler, J. (1988). Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, 40(4), 519–531. <https://doi.org/10.2307/3207893>
- Derrida, J. (1994). *Specters of Marx*. (P. Kamuf, Trans.) New York and London: Routledge.
- Garcia-Olp, M. (2018) "How Colonization Impacts Identity Through the Generations: A Closer Look at Historical Trauma and Education." *Electronic Theses and Dissertations*. 1487. <https://digitalcommons.du.edu/etd/1487>
- Gomez-Peña, G. (2015). "In Defense of Performance Art," http://www.pochanostra.com/antes/jazz_pocha2/mainpages/in_defense.htm
- Greiner, C. (2005) *O Corpo: pistas para estudos indisciplinados*. 1 ed. São Paulo: Annablume.
- _____. (2010). *O Corpo em Crise: Novas Pistas e o Curto-Circuito das Representações*. São Paulo: Annablume.
- Grosfoguel, R. (2012). Decolonizing Western Uni-versalisms: Decolonial Pluri-versalism from Aimé Césaire to the Zapatistas, *Transmodernity*, 1(3): 88-104.
- Haraway, D. J. (1988). "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism as a Site of Discourse on the Privilege of Partial Perspective." *Feminist Studies* 14 (3)
- Haraway, D. J. (2016). *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthylucene*. Durham and London: Duke University Press.
- Harding, S. (1995) "Strong objectivity": A response to the new objectivity question. *Synthese* 104, 331–349. <https://doi.org/10.1007/BF01064504>

_____. (2004). A socially relevant philosophy of science? Resources from standpoint theory's controversiality. *Hypatia* 19 (1):25-47.

Kunst, B. (2011). Dance and Work: The Aesthetic and Political Potential of Dance. In G. Klein & S. Noeth (Eds.), *Emerging Bodies: The Performance of Worldmaking in Dance and Choreography* (pp. 47–60). Transcript Verlag. <http://www.jstor.org/stable/j.ctv1wxt9q.6>

Kunst, B. (2015). The troubles with temporality. *Stedelijk Studies*(3). Retrieved May 30, 2021, from <https://stedelijkstudies.com/journal/the-troubles-with-temporality/>

Lepecki, A. (2006) *Exhausting Dance: Performance and the Politics of Movement*. New York: Routledge. Print.

_____. (2012). Introduction//Dance as a practice of contemporaneity. In A. Lepecki (Ed.), *Dance: documents of contemporary art*. London: Whitechapel Gallery Ventures Limited.

_____. (2016). *Singularities: Dance in the age of performance* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315694948>

Mignolo, W. (2003). *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal.

Mignolo, W., & Vazques, R. (2013). *Decolonial AestheSis: Colonial Wounds/Decolonial Healings. Social Text*. https://socialtextjournal.org/periscope_article/decolonial-aesthesis-colonial-woundsdecolonial-healings/

Miranda, E. O. (2020) *Corpo-território & educação decolonial : proposições afro-brasileiras na invenção da docência / Eduardo Oliveira Miranda*. - Salvador: EDUFBA.

Oyèwúmi, O. (1997) *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Ribeiro, D. (2019) *Lugar de fala?* São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.

Sampaio, J. C. C. and Simão, M. F. (2018). Body and Decoloniality in Performing Poetic Composition *Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre*, v. 8, n. 4, p. 665-690, Oct./Dec. 2018. Available at: <http://seer.ufrgs.br/presenca>

Spivak, G. et al. (1988). Can the subaltern speak? Reflections on the history of an idea, p. 21-78.

_____. (2012) *An aesthetic education in the era of globalization*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Vázquez, R. (2020). *Vistas of Modernity: Decolonial Aesthesis and the End of the Contemporary*. Mondriaan Fund.